

Patrícia Moreira de Oliveira

Graduada em Psicologia (MULTIVIX) – São Mateus/ES;
Pós-graduada em Neuropsicologia (FAVENI) – Venda Nova do Imigrante/ES;
Pós-graduada em Educação Inclusiva (INTERVALE) – Mantena/MG.

Elias Silva dos Santos

Graduado em Psicologia (MULTIVIX) – São Mateus/ES;
Bacharel em Teologia (Universidade Presbiteriana Mackenzie)
Belo Horizonte/MG.

Jorge Silva Meireles Junior

Graduado em Psicologia (MULTIVIX) – São Mateus/ES.

Thiago de Oliveira Moreira

Graduado em Medicina (UNIFESO) – Teresópolis/RJ;
Pós-graduado em endoscopia digestiva (FASEH) – Vespasiano/MG.

Maria Bastos Cacciari

Graduada em Psicologia (UVV) – Vila Velha/ES;
Mestre em Psicologia (UFES) – Vitória/ES.

RESUMO

O presente trabalho buscou apontar os benefícios do humor dentro de um ambiente hospitalar, a partir da atuação dos Doutores da Alegria e dos estudos de Sigmund Freud sobre o Chiste e o Inconsciente. Para tal, foi realizada revisão bibliográfica de artigos publicados a partir de 2008 até a data atual. Utilizou-se principalmente a ferramenta de busca de dados Google Acadêmico contemplando a língua portuguesa. A pesquisa buscou discutir como a atuação do palhaço no hospital pode contribuir no processo de melhora dos pacientes hospitalares pela ótica da Psicanálise. De forma específica: a) apresentar as ações dos Doutores da Alegria nos hospitais; b) explorar o conceito de Chistes na Psicanálise; c) descrever a ação do lúdico a partir da Psicanálise. Os resultados evidenciaram a relação dos benefícios, das intervenções com humor no tratamento durante a hospitalização de crianças, adolescentes e adultos, contagiando todos ao redor, incluindo os pais, acompanhantes e a equipe médica. Os resultados observados foram a diminuição da ansiedade, medo, angústia, dor e sofrimento, e melhor aceitação do tratamento. Compreender o conceito de chiste, como também sobre a utilização do lúdico na psicanálise, foi fundamental para esclarecer como a intervenção com o humor é capaz de acessar o inconsciente trazendo a luz do consciente sentimento e emoções recalçadas, o que possibilita que esses sejam devidamente elaborados pelo sujeito. Portanto, entende-se que há uma grande possibilidade de afirmar que o humor é terapêutico.

Palavras-chave: doutores da alegria; chistes; humor; psicanálise.

INTRODUÇÃO

Percebe-se nos dias atuais uma conscientização de que os ambientes hospitalares necessitam de uma maior abertura para uma humanização do tratamento oferecido, aos seus pacientes pelos profissionais que operam, pois a medicalização, procedimentos invasivos como a cirurgia, a higiene pessoal realizada por terceiros, enfim, os tratamentos médicos resultam em melhoria a partir da inclusão da empatia e do humor. Nestes aspectos se apresentam os Doutores da Alegria, grupos espalhados por vários países que se voluntariam para aliviar o humor, a alegria para os acamados.

Em um movimento surgido nos Estados Unidos, tendo como propulsor o médico Patch Adams, conhecido em razão do filme “Patch Adams, a alegria é contagiante” (SHADYAC, 1998), chega ao nosso país o movimento da alegria e adentra os hospitais marcados por seriedade e dor, levando o humor e prazer. Sobre o prazer do lúdico, Freud já retratara em um dos seus trabalhos no ano de 1905, alinhando o chiste e o inconsciente. E com o entendimento do “pai da psicanálise” o cenário hospitalar é permeado de regras, normas, que ao mesmo tempo que protege também cerceia a espontaneidade (FREUD, 1905).

O presente projeto tem como uma de suas motivações a participação de um dos autores no curso “Expresso Alegria” (2017), que resultou na cidade de São Mateus - ES o “Expresso Gargalhada”, grupo este que tem atuado no Hospital Público Roberto Arnizaut Silveiras (HRAS). A oportunidade permitiu a observação in loco da importância deste trabalho, e também os desafios que estão inseridos nele, pois cada ala hospitalar, quarto e paciente conclamam interações diferentes. Além da mudança do ambiente com a presença do “doutor do humor”, também se observa a reação dos pacientes, acompanhantes, profissionais da saúde, incluindo os funcionários, desde a entrada na portaria.

No transcorrer deste artigo será corrente o termo Doutores da Alegria, mas como exposto no parágrafo anterior são várias as nomeações, em diferentes partes do país e do mundo, pois cada localidade tem as suas especificações e o público-alvo a ser atendido. Alguns grupos se especializaram com intervenções diretas, nas escolas, presídios, casas de acolhimento de menores, casas de repouso para idosos, clínicas psiquiátricas, e áreas de conflito militar, mas a presente pesquisa teve como foco a área hospitalar atentando para os efeitos benéficos na saúde dos pacientes.

A participação dos Doutores da Alegria dentro do ambiente hospitalar proporciona uma ação terapêutica que vai além da melhora física e psicológica dos pacientes, ocorre também uma melhora do ambiente de trabalho para a equipe médica, trazendo uma leveza na interação equipe técnica-paciente e na relação entre os membros da equipe, em outras palavras, ocorre uma humanização no trabalho hospitalar. Pode-se dizer que esse trabalho é uma aplicação prática da Política Nacional de Humanização

(PNH), também conhecida como HumanizaSUS. Lançada em 2003, busca estimular uma melhor comunicação entre os gestores, trabalhadores e usuários do Sistema Único de Saúde, dando a todos os envolvidos autonomia e corresponsabilidade na gestão do cuidado e nos processos do trabalho. Através do trabalho coletivo e inclusivo ocorre a promoção da saúde (BRASIL, 2013).

Tendo-se em vista que inúmeras pessoas estão temerosas quanto ao futuro incerto, em que as notícias da mídia são desanimadoras e adoecedoras, no ambiente hospitalar o palhaço surge, respeitando as restrições impostas, com sua arte e peripécias que resultam em efeitos positivos para os hospitalizados. O lúdico promove o bem-estar tão necessário para o aumento da imunidade física e emocional, não somente no tempo presente, mas no futuro próximo em que as terapias e tratamentos têm que andar de mãos dadas visando a melhora para o paciente.

Utilizou-se a Psicanálise como norteadora para direcionar a relevância do humor, como complemento ao tratamento hospitalar, a fim de disponibilizar uma revisão bibliográfica para contribuição e entendimento da importância desses profissionais, os Doutores da Alegria, como auxílio no tratamento, não só do corpo(soma) como também da psique.

O artigo foi produzido como resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia. O objetivo geral do estudo foi discutir como a atuação do palhaço hospitalar pode contribuir no processo de melhora dos pacientes hospitalares pela ótica da Psicanálise. De forma específica: a) apresentar as ações dos Doutores da Alegria nos hospitais; b) explorar o conceito de Chistes na Psicanálise; c) descrever a ação do lúdico a partir da Psicanálise.

Portanto, este trabalho propõe-se a apresentar, através de levantamentos bibliográficos, a melhora experimentada por aqueles que estão sujeitos aos procedimentos médicos hospitalares aliados a intervenções dos doutores do riso.

REFERENCIAL TEÓRICO

BREVE HISTÓRICO SOBRE OS DOUTORES DA ALEGRIA/ A HISTÓRIA DO PALHAÇO NO HOSPITAL

Os doutores da alegria são um grupo não governamental, que tem como objetivo levar alegria aos hospitais, para aqueles que estão enfermos, abrangendo não apenas os hospitalizados, como também os acompanhantes, as equipes médicas, ou seja, todos que convivem neste ambiente. Mas quem são estes Doutores da Alegria? Este conceito se tornou mais conhecido após um filme, baseado sobre a vida de Patch Adams, no entanto o desejo do mesmo, conforme relata Zedron (2016), não era se tornar um expert na prática de palhaço, mas “apenas utilizá-la como um recurso na reestruturação da instituição hospitalar, que para ele devia ter um caráter mais holístico, integrativo, horizontal e de proximidade entre os seus

frequentadores...” (p. 34).

Os idealizadores do projeto foram Karen Ridd, que trabalhava no Hospital Pediátrico de Winnipeg, no Canadá, e Michael Christensen, que era um famoso palhaço e diretor do Big Apple Circus em Nova Iorque. Karen faz um convite para que Christensen apresente-se no hospital, isto ocorreu em 1986 em Nova Iorque. Conforme Melo (2017) relata, a recepção dos enfermos, pais e profissionais do hospital foi positiva, mas como algumas crianças não puderam se deslocar para o salão, o palhaço solicita a oportunidade de ir até elas, sendo que o resultado foi além do esperado, em que crianças até então abatidas e desmotivadas se esforçavam para participar.

Através deste evento, e observando a reação dos pacientes, o hospital e Christensen firmam uma parceria para visitarem periodicamente o hospital, surgindo assim a Clown Care Unit (CCU). A organização se espalha pelos Estados Unidos e chega até a Europa, se organizando em 2011, a European Federation of Hospital Clown Organizations (EFHCO) já contando com doze organizações de diversos países, como a Áustria, França, Bélgica, Dinamarca, Noruega, República Checa, Alemanha, Itália, Holanda, Escócia, Suíça e Portugal. Aqui no Brasil são mais conhecidos como Doutores da Alegria.

No Brasil, há um grupo pioneiro em levar a “brincadeira” para dentro dos hospitais: os “Doutores da Alegria”. Essa experiência se valeu dos recursos do palhaço: o jogo, o olhar, a escuta, o aprendizado mútuo –para atuar na formação de públicos diversos em todo o território nacional, desde voluntários a profissionais que queiram exercitar a criatividade. A missão dos “Doutores da Alegria” é promover a experiência da alegria como “fator potencializador” de relações saudáveis por meio da atuação profissional de palhaços junto a pacientes hospitalizados e profissionais de saúde (SILVA, 2017, p.02).

Os Doutores da Alegria trabalham com o humor como ferramenta para despertar, envolver, cativar, trazer o sorriso às pessoas mesmo em um ambiente cercado de dores e inquietações sobre o futuro. Este humor depende de uma escuta lúdica do palhaço doutor, conforme Dunker e Thebas (2019, p.243) relatam que o palhaço tem a arte da interpretação psicanalítica, pois tem “o humor com as palavras, o cômico com os gestos e a graça com o espírito” (p.243).

O humor do palhaço de hospital é um humor responsável, entende-se então que:

A participação do palhaço dentro do ambiente hospitalar exigiu que estes lapidassem suas técnicas de fazer sorrir, pois estas passaram a acontecer em um local mais regado em que a brincadeira passaria a ser coisa séria, e teria que atender a todas as

necessidades que a rotina hospitalar lhe impunha, necessitando de uma formação, preparo e, sobretudo escolher o trabalho com crianças no hospital, como uma forma de atuação profissional (SIMIONI ET AL, 2017, p. 06).

Quando se fala do profissional do riso pode-se entender, erroneamente, que é uma tarefa fácil e que não precisa de preparação por tratar com o imprevisto, no entanto o palhaço moderno, o Clown, se diferencia do palhaço de circo, por ser o mais “limpo” (vestuário menos impactante) possível.

Emygdio (2017) afirma que o palhaço hospitalar não grita; gesticula mais; respeitando o ambiente em que está com suas regras; se percebe que não usam sapatos abertos; nem roupas decotadas; pedem permissão para entrar nos locais; não tocam nos pacientes; preocupam com a higiene; enfim há uma série de regras observadas que infelizmente no filme sobre Patch Adams não foram respeitadas, dando um entendimento errôneo da atuação do palhaço ao se mostrar que tudo pode ser feito em favor do riso.

O CHISTE NA PSICANÁLISE

Sigmund Freud aborda em seu livro *Chistes e sua relação com o inconsciente* (1905), que o chiste, ou “dito espirituoso”, ou piada, tem sua fonte no inconsciente, em que se busca algo na infância, portanto ele afirma que: “Opensamento retroage por um momento ao estágio da infância de modo a entrar naposse, uma vez mais, da fonte infantil de prazer” (p. 111). Para o “pai da psicanálise” o chiste produz prazer, satisfação, em que o humor tenta vencer o supereu, ludibriar as repressões sociais. Entre as formas de chistes existem o jogode palavras, ou duplo sentido, e para tal, utiliza de várias anedotas:

Um médico, afastando-se do leito de uma dama enferma, diz a seu marido: ‘Não gosto da aparência dela’. ‘Também não gosto e já há muito tempo’, apressou-se o marido em concordar. O médico referia-se obviamente ao estado da senhora, mas expressou sua preocupação quanto à paciente em palavras tais que o marido podia interpretá-las como confirmação de sua própria aversão marital (FREUD, 1095, p. 25).

Freud (1905) utilizava o chiste como um modelo do inconsciente, sendo composto por um jogo de palavras capaz de criar e suspender a inibição. De acordo com Moraes (2008) “uma representação ICS pega carona numa pré-consciente e apresenta-se ao consciente do piadista, que a conta ao terceiro e produz nele um efeito, constatado pela risada” (p. 120). Como os sonhos, atos falhos e sintomas, o chiste utiliza dos mesmos mecanismos de condensação e deslocamento, a verdade do sujeito que era para se

manter guardada no inconsciente encontra uma brecha e sai, porém vem acompanhada com humor o qual ameniza, e justifica a infração cometida, sem neuroses ou angústias (MORAIS, 2008).

Conforme se observa no jogo de palavras, o chiste está estabelecido na linguagem, portanto é necessária que haja a interação social. O chiste se “caracteriza por três “pessoas”: a primeira a que conta a piada, a segunda aquela que é alvo da história, e a terceira que é o ouvinte” (DE ASSIS, 2017).

Dunker e Thebas (2019) reconhecem que o chiste acontece no contato, ao abordar da similaridade do palhaço e do psicanalista de trabalhar com o outro, afirmam que o chiste:

É sempre um processo social, que depende eminentemente da sua “paróquia” para obter os resultados pragmáticos que o definem enquanto tal, ou seja, o efeito de prazer, satisfação ou gozo que ele causa na plateia. Todos sentimos que é muito mais fácil contar uma piada quando se está entre amigos, por isso esquecemos que as piadas são também a forma como fazemos amigos. Será que a paróquia ou o picadeiro que faz a piada ser contagiosa ou é a piada, ou a palhaçada, que cria o sentimento de que temos algo em comum? (p.245)

Esta plateia está situada, pelo menos nas ações dos Doutores da Alegria, nos quartos, corredores, nas dependências dos hospitais, e está composta pelas duplas de palhaços, nos pacientes e funcionários. Mas qual o resultado prático destas intervenções realizadas? Se apresentar apenas em busca de um sorriso em meio a dores? Com certeza vai muito além, proporcionando benefícios mensuráveis nos processos de medicalização e recuperação da saúde.

O lúdico surge como método relevante, capaz de gerar maior eficácia em seu tratamento. Buscar alternativas apropriadas para reverter o estado ao qual a criança se encontra, ao passar por procedimentos rigorosos e que leva ao medo e a retirada de sua rotina, torna-se essencial (SIMONI, ET AL, 2017, p.06).

Kupermann (2010) ao tratar em seu artigo “Humor, desidealização e sublimação” aborda sobre o Chiste e a forma como Freud consegue ir muito além, no mais profundo do cômico, mesmo que o palhaço esteja em um ambiente diferente e às vezes adverso ao riso. A análise do autor vem demonstrar realmente o que se sente ao adentrar um local sem saber o que o espera, fazendo esta referência com sua abordagem:

Se pensarmos no ritual de iniciação da carreira, a stand *up comedy*, na qual o candidato enfrenta um público a priori hostil, assumindo a árdua tarefa de seduzi-lo munido apenas de um microfone e da lâmina cortante das suas palavras espirituosas, a imagem de

uma extrema e ameaçadora solidão se impõe – o que nos recorda o condenado ao patíbulo da parábola apreciada por Freud. Mas não seria justamente essa solidão a responsável pelo caráter “elevado e enobrecedor” e pela rebeldia características do fenômeno humorístico? E não haveria uma dimensão solitária no trabalho promovido por todo e qualquer Witz? (p. 198)

Esta elevação e enobrecimento que advém de um momento em que o artista, médico, psicólogo, palhaço, enfrenta ao não saber o que lhe espera, mas consciente de sua importância naquela situação, e que pode ajudar àqueles que mais necessitam.

Freud, de acordo com De Assis (2017), entendia que o prazer no chiste provinha da inibição que era posta de lado momentaneamente, o cômico surgia da ideia, e o humor do sentimento, mas o riso é o resultado, a potência a ser conquistada, e “O palhaço lida com o erro, declarando e assumindo o seu ridículo e é recompensado com o riso e a continuidade da vida.” (p. 78)

De Assis, ao citar Freud (1927) comenta: “O criador da psicanálise, assim, traduz o humor como algo rebelde, mas com grandeza e elevação, sendo, portanto, liberador ao tratar da crueldade dos acontecimentos reais”. O humor pode ser visto como uma ferramenta de representação de seus desejos e pulsões enfrentando a pulsão de morte existente dentro de si (MORAIS, 2008).

Nos hospitais se vislumbra as dores da humanidade, muitos enfermos encontram-se em situação de vulnerabilidade, expostos à frieza dos tratamentos meramente técnicos, e uma relação equipe médica-paciente enrijecida, algo que pode até ser sentido e interpretado como maldade humana. E neste aspecto Freud viu e presenciou a dureza do coração humano ao presenciar os horrores da Segunda Guerra Mundial, mas mesmo nestes momentos acreditava no homem, portanto, para ele, o humor representava a sabedoria de rir de seus próprios sofrimentos. O sujeito através do humor torna-se capaz de enfrentar suas insuficiências, falhas e imperfeições, e permitir-se dar uma boa risada, desfrutando de prazer apesar da dor (MORAIS, 2008).

O LÚDICO NA PSICANÁLISE

Quando se trata do ambiente hospitalar, este se torna invasivo do cotidiano da criança e necessita de uma intervenção, e o lúdico tem uma potência para auxiliar nestas circunstâncias. A ludicidade pode ser vista como promotora de estratégias que auxiliam na adaptação da criança à internação, como também possibilita a humanização do ambiente hospitalar, para tanto, pode-se utilizar ferramentas como contar histórias, brinquedotecas e até palhaços (SIMIONI ET AL, 2017).

O lúdico toma forma na figura do palhaço, ou dos Doutores da Alegria,

e suas brincadeiras, permitindo que a criança através do humor enfrente situações esentimentos aversivos e dolorosos que antes por questões pessoais eram impossíveis de serem acessados. Proporcionando redirecionar a energia investidano problema para outras atividades mais prazerosas (SIMIONI ET AL, 2017).

O ato de brincar vem sendo discutido dentro da psicanálise como forma de analisar as manifestações do inconsciente, e como instrumento de intervenção terapêutica. Freud (1920) em “Além do princípio do prazer”, ao relatar uma brincadeira de um de seus netos com um carretel preso a um barbante, que continuamente lançava-o por cima da tela do berço até que desaparecesse e puxava de volta até trazer de volta o carretel (fort-da), exemplifica como a criança utilizou uma brincadeira como forma de elaborar a angústia de separação da mãe.

O brincar é livre, sem obrigatoriedade, é um ato que começa e se encerra em si mesmo. Através do brincar a criança desenvolve um mundo de fantasia que a permite enfrentar seus medos, angústias e perigos vivenciados. Tornar simbólico aexperiência do real facilita a elaboração dos desprazeres da vida. Dentro do ambiente terapêutico, o brincar pode apresentar-se na relação paciente, analista e fantasia, facilitando a conexão do sujeito com o inconsciente, e possibilitando acesso à conflitos e manifestação de suas angústias de forma simbólica através das brincadeiras (SCHMIDT; NUNES, 2014). No ambiente hospitalar o palhaço ocupa o lugar do analista como facilitador para a criação de fantasias que, como descrito acima, tornam-se meio para a elaboração dos sentimentos de medo, dor esofrimento.

O brincar, o lúdico e o encantar-se com o palhaço e suas peripécias, não são exclusividades das crianças. Os adultos também podem utilizar os mesmos artifícios para elaborar seus sentimentos conflituosos. Mesmo que seja através de um simples chiste, o adulto conecta-se com seu lado infantil, pois é na infânciaque ele encontra sentimentos dolorosos dos quais hoje ele ri (MORAIS, 2008).

METODOLOGIA E MÉTODO DA PESQUISA

O método utilizado nesta pesquisa foi a revisão bibliográfica, consistindo no levantamento de estudos acadêmicos, na língua portuguesa, nos anos mais recentes, para a quantificação e delimitação do tema. Para tal objetivou-se as ações que são realizadas no ambiente hospitalar, através do conceito psicanalítico de “Chistes” para descrever como o lúdico é abordado no auxílio do tratamento de doenças. Para tal pesquisa foram utilizadas as ferramentas do Google Acadêmico e SCIELO.

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa exploratória deconteúdo, tendo como referência a relevância do lúdico, a partir de livros, artigos acadêmicos científicos a aplicação dos conceitos em intervenções pontuais no tratamento de pacientes hospitalares.

Foram utilizadas as pesquisas que apresentaram como resultado a

percepção da melhora dos pacientes através do lúdico. Estas foram analisadas e organizadas de maneira a proporcionar aos profissionais da área da saúde, principalmente aos psicólogos, a compreensão do manejo e como este pode proporcionar bem-estar, e consequentemente melhoria na qualidade de vida do enfermo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente muitas pesquisas estão relacionadas à função terapêutica do trabalho dos Doutores da Alegria em ambiente hospitalar. Melo (2018), em sua Tese de Doutorado, relata os efeitos observados nas crianças e adolescentes hospitalizados com patologias graves como o câncer, após as intervenções realizadas pelo grupo. Nesta análise conclui alguns efeitos, como: redução da ansiedade pré-operatória e melhoria do bem-estar psicológico; efeitos positivos quando ministrados procedimentos médicos invasivos; alívio da dor, medo, estresse e ansiedade em crianças submetidas a procedimentos assustadores ou dolorosos, além de auxiliar na recuperação das crianças com patologias respiratórias.

Simioni et al. (2017) traz em sua pesquisa que a presença do palhaço proporciona uma continuidade da infância para a criança hospitalizada. Os aspectos positivos observados vão além do aumento do humor e melhora na expressão dos sentimentos, beneficia um melhor entendimento por parte do paciente e de seu acompanhante sobre a necessidade da internação e facilita a aceitação da execução dos procedimentos médico hospitalares.

Conforme apresenta Hassed (2001, apud Mussa, 2012), não somente as crianças e adolescentes são alcançados por uma melhora, mas também os adultos.

O riso tem efeitos terapêuticos fisiológicos e psicológicos. Destacam-se a longevidade, a redução de dor, a melhora no sistema imunológico, através do aumento de leucócitos na corrente sanguínea e da diminuição da produção dos hormônios do estresse, o aumento da oxigenação, da pressão e da movimentação dos músculos, a moderação do estresse, a melhora no humor, favorecendo o enfrentamento da tristeza e da perda, a redução da ansiedade e o despertar da criatividade. (Hassed, 2001, apud MUSSA, 2012, p.81).

O projeto MadAlegria realizado por acadêmicos da Faculdade de Medicina de São Paulo relata a experiência dos discentes no papel de palhaços-doutores, com adultos e idosos hospitalizados, os quais também apresentaram resultados semelhantes aos citados por Melo (2018). Os pacientes hospitalizados que receberam a intervenção dos Doutores da Alegria, apresentaram redução nos sintomas ansiosos e depressivos (TAKAHAGUI, 2014).

Outro projeto de extensão realizado foi com o grupo Terapeutas da

Alegria em um hospital universitário da Universidade Federal de Santa Catarina, com visitas de intervenção para pacientes adultos. Ao serem indagados sobre as visitas dos palhaços, os pacientes responderam sentir-se mais alegres, menos abatidos, mais desinibidos, o que auxilia na comunicação com a equipe médica, portanto facilita mais fácil relatar o que está sentindo. O palhaço com sua presença proporciona um momento de libertação da rotina, uma quebra das regras, como algo subversivo, que permite o “EU” expressar-se e retornar a sua essência, sem culpa e sem repreensões, facilita o paciente entender e aceitar sua situação (CAPATAN, 2017).

As melhorias ocorridas através da intervenção dos Doutores da Alegria podem ser entendidas quando analisadas através do conceito psicanalítico de chistes. Procedimentos que são característicos do ambiente hospitalar, vistos como agentes causadores de dor e sofrimento, e que mesmo após o término continuam presentes no inconsciente, através do chiste podem ser representados sobre uma nova forma e cor.

O palhaço utiliza de termos chistosos como transplante de nariz vermelho, transfusão de milk-shake e injeção de alegria. Tais termos permitem ao paciente retirar do inconsciente sentimentos negativos em relação ao tratamento e hospitalização, com os quais não conseguia lidar, resignificando-os. Tal ação alivia o inconsciente e toda energia utilizada para conter a dor que agora pode ser redirecionada para auxiliar a cura. A rebeldia do humor, liberta e possibilita tratar dos acontecimentos reais (DE ASSIS, 2017).

A intervenção lúdica aponta melhora na saúde dos pacientes, no entanto precisa ser utilizada com outros procedimentos médicos. Ou seja, a intervenção lúdica por si só não cria a expectativa de cura. Dunker e Thebas (2019) relatam que “Freud considerava o psicanalista como alguém que não devia ficar procurando a cura a qualquer preço. A cura vem por acréscimo” (p.72).

Benefícios também são observados nos profissionais de enfermagem, que têm uma rotina sobrecarregada em constante contato com doenças, sofrimento, angústia e morte. Esses profissionais também são influenciados pela alegria tornando mais leve o ambiente de trabalho e consequentemente sua interação com as crianças hospitalizadas. Não há queixas com relação à quebra da rotina pela presença dos palhaços, pois não atrapalham os procedimentos técnicos. Na verdade, a presença dos palhaços pode contribuir e garantir boas risadas, como exemplo do público infantil, ou seja, uma melhora no trabalho de assistência, o que permite maior acessibilidade às crianças (OLIVEIRA, 2008).

E a injeção de alegria vai além, proporcionando aos profissionais observarem que “os fatores decorrentes da patologia apresentada pela criança, como apatia, prostração, depressão e resistências, possam estar ligados às condições do ambiente hospitalar e às relações vividas dentro do próprio hospital” (OLIVEIRA, 2008, p. 234).

A humanização do trabalho dos profissionais de saúde, apesar de

não ser o objetivo principal da intervenção dos Doutores da Alegria, surge então como um efeito colateral trazendo benefícios para os profissionais e os pacientes (OLIVEIRA, 2008). O que corrobora com Takahagui (2014) ao relatar que 75% dos acadêmicos que participaram do projeto consideraram como “principal habilidade desenvolvida no projeto a de ‘ouvir e de se comunicar com o paciente’ e a de ‘ampliar a visão do outro além dos conceitos e preconceitos sociais’” (p. 123).

A figura do palhaço permitiu que os estudantes pudessem enxergar o paciente além da doença, tomando conhecimento de seus sentimentos, tendo contato com suas emoções, e desenvolvendo uma capacidade importantíssima para a relação médico-paciente, a empatia (TAKAHAGUI, 2014).

O lúdico proporciona uma humanização do cenário hospitalar, possibilitando uma recuperação mais rápida dos pacientes. Uma nova relação entre profissional da saúde e a criança é estabelecida, criando um ambiente que estimula o saudável e prazeroso, tirando o foco das incapacidades (OLIVEIRA, 2008).

Os pais e acompanhantes, que estão praticamente 24 horas ao lado da criança, e indiretamente, sentem a dor, a angústia e o sofrimento do tratamento, também apresentam uma boa resposta na interação com os Doutores da Alegria. Muitos melhoram o humor, ficam mais sorridentes, transmitindo segurança e conforto para a criança. E como antes citado, entendem melhor os procedimentos hospitalares, melhorando a interação com a equipe médica, o que consequentemente favorece a interação da equipe médica com a criança (OLIVEIRA, 2008).

As melhoras de humor dos pais e acompanhantes e a humanização percebida no trabalho da equipe médica, são efeitos provocados pela presença do palhaço. Através do lúdico e do brincar, os adultos se despedem das responsabilidades, retornam à infância e como crianças riem das obrigações, dores e sofrimentos trazidos pela vida adulta (MORAIS, 2008).

Buscar a melhoria dos pacientes em um ambiente hospitalar se faz necessário, não somente para crianças, adolescentes, como também a adultos e idosos, buscando uma visão pormenorizada dos aspectos que envolvem o inconsciente, o lúdico, o improvisado, o riso, se assemelhando a psicanálise e palhaçaria para a compreensão do paciente como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos estudos sobre os efeitos terapêuticos do humor e resultados de intervenções realizadas pelos Doutores da Alegria, observaram-se melhorias físicas e psicológicas nos pacientes e demais envolvidos no tratamento hospitalar. Este trabalho focou em analisar os aspectos psicológicos encontrados nesses resultados. Constatou-se diminuição da ansiedade, da angústia, do medo, de preocupação, e uma aceitação maior do tratamento. Há também efeitos colaterais, como melhora do humor dos pais, acompanhantes e da equipe médica, essa última responde ainda

com uma melhoria em seu trabalho, tornando-o mais humanizado.

A maior parte dos artigos encontrados relatam intervenções com crianças, ainda há poucos estudos feitos com o público adulto. Todavia, comparando-se os resultados pode-se afirmar que utilizar o humor como ferramenta terapêutica traz benefícios para todos, sejam crianças, adolescentes, adultos ou idosos.

Compreender o conceito de chiste, como também sobre a utilização do lúdico na psicanálise, foi fundamental para esclarecer como a intervenção com o humor é capaz de acessar o inconsciente trazendo a luz do consciente sentimento e emoções recalçadas, o que possibilita que esses sejam devidamente elaborados pelo sujeito.

Conclui-se que ainda há a necessidade de mais pesquisas sobre o tema, envolvendo adultos e idosos. Além disso, a psicanálise precisa retornar aos estudos sobre chistes e os mecanismos do humor, pois observou-se ser um conceito importante para a compreensão da construção da psique. O trabalho mostrou que ainda há muito que se descobrir sobre as potencialidades terapêuticas do humor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Política nacional de humanização. 1 ed. Brasília-DF, 2013.

CATAPAN, S. C. **Significados das práticas dos "Terapeutas da Alegria" sobre pacientes adultos internados em um hospital universitário**. 2017. 115f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Área de concentração: Ciências Sociais e Humanas em Saúde. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

DE ASSIS, Juscelino Moreira et al. O palhaço, a psicanálise e o sujeito na contemporaneidade. **Reverso**, v. 39, n. 73, p. 83-89, 2017.

DUNKER, Christian. THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. 256 p.

EMYGDIO, Paulo Roberto et al. Dr. Palhaço. Clowntilha do aluno. In: **1º CURSO DE DR. PALHAÇO DE GURIRI**, 2017, São Mateus: IPB Guriri, 2017. 22 pág.

FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 7. **O chiste e sua relação com o inconsciente** (1905). Tradução: Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2017.

_____, _____. Obras completas, volume 18. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupos e outros trabalhos** (1920). Tradução:

Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2017.

KUPERMANN, Daniel. Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. **Psicologia clínica**, v. 22, n. 1, p. 193-207, 2010.

MELO, Ana Sofia Marques. **A potência do encontro**: o impacto da intervenção dos Palhaços de Hospital em crianças e adolescentes submetidos a tratamento de quimioterapia. 2018.

MORAIS, Marília Brandão Lemos. Humor e psicanálise. **Estudos de psicanálise**, n. 31, p. 114-124, 2008.

MUSSA, Claudia; MALERBI, Fani Eta Korn. O efeito do palhaço no estado emocional e nas queixas de dor de adultos hospitalizados. **Psicologia Revista**, v. 21, n. 1, p. 77-97, 2012.

OLIVEIRA, Roberta Ramos de; OLIVEIRA, Isabel Cristina dos Santos. Os doutores da alegria na unidade de internação pediátrica: experiências da equipe de enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 12, n. 2, p. 230-236, 2008.

PATCH Adams. **O amor é contagioso**. Direção: Tom Shadyac. Produção: Steve Oedekerck. Intérpretes: Robin Williams, Daniel London, Monica Potter, Philip Seymour Hoffman. Estudio Universal Pictures, 1998. 1 bobina cinematográfica (115 min), son., color., 35 mm.

SCHMIDT, Marília Bordin; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. O brincar como método terapêutico na prática psicanalítica: Uma revisão teórica. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 6, n. 1, p. 18-24, 2014.

SILVA, Cristiane Pavanello Rodrigues; DA CONCEIÇÃO, Ana Paula; DOS SANTOS CHAGAS, Ana Paula. Clown-o palhaço como intervenção e humanização em saúde. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 5, n. 4, p. 352-359, 2017.

SIMIONI, Gabriela Bovo et al. A influência do lúdico no processo de hospitalização infantil: a visão do palhaço. **ARCHIVES OF HEALTH INVESTIGATION**, v. 6, n. 1, 2017.

SOUZA MARTINS, Alice; DE CASTRO LIMA, Carolline; RIBEIRO, Isabelle Oliveira. A imperfeição e o nariz vermelho: aspectos do palhaço despertando possibilidades de humanização no cuidar. **Simpósio de Humanização em Saúde**, n. XI, p. 10-11, 2018.

TAKAHAGUI, Flavio Mitio et al. MadAlegria-Estudantes de medicina atuando comodoutores-palhaços: estratégia útil para humanização do ensino médico? **Revista Brasileira de Educação Médica**, 2014.

ZEDRON, Camila Maurício et al. Uma chave na ponta do nariz: arte e performanceclown no hospital. **UFSC**. Florianópolis, SC. 2016. 135p.